

GUIA PRÁTICO PARA O PERCURSO DE DISCERNIMENTO ACOMPANHADO

*Anexo à nota pastoral "O Senhor está perto de quem tem o coração ferido" (Sl 34,19), de D. António Mar-
to, na qual se definem "orientações pastorais em ordem a maior integração eclesial dos fiéis divorciados
a viver em nova união". Trata-se de um guia para apoio às pessoas ou casais e aos pastores acompa-
nhantes, no percurso de discernimento proposto na referida nota pastoral.¹*

1. Objetivo do discernimento

a) O objetivo de um percurso de discernimento é o de iluminar a consciência das pessoas, para as ajudar a fazer um reto juízo sobre a sua situação diante de Deus. Portanto, requer e desenvolve-se no tempo. Se é verdadeiro caminho, é necessário aceitar que não se tem a resposta à partida; se assim fosse, nada haveria a discernir. Os vários agentes envolvidos (pessoa ou casal de "recasados" e acompanhante espiritual) devem aceitar que não se trata de um processo para ter acesso aos sacramentos, mas sim de um caminho para procurar a vontade de Deus – que pode ser, ou não, possibilitar esse acesso aos sacramentos.

b) O primeiro requisito para qualquer discernimento é a liberdade interior. Sem esta, todo o processo fica viciado e, no fundo, procura-se que Deus aceite a vontade de quem "discerne" e não o contrário. Só a liberdade permite criar uma distância afetiva crítica da situação, de modo a aceitar verdadeiramente o que se percebe ser a vontade de Deus.

c) Por este motivo, é necessário que o discernimento seja acompanhado por um elemento externo ao casal, em regra um pastor (padre), com experiência no acompanhamento e na direção espiritual. O confronto com esta terceira pessoa revela-se essencial (cf. AL 300). A função deste ministro da Igreja é, então, acompanhar o percurso desde o início e servir como referente de confronto para desbloquear processos internos pessoais de um dos elementos ou do casal, ajudar a libertar-se de afetos e desejos desordenados em relação ao tema, de feridas que não tenham em conta a realidade, etc.

d) Naturalmente, as orientações que aqui se oferecem terão sempre de ser adaptadas a cada situação e a cada pessoa, pois essa é a essência do discernimento. Outros aspetos a ter em conta, ao pôr em prática o processo de discernimento, são a idade dos intervenientes, o tempo de duração da relação

¹Serviui de modelo a este guia a carta pastoral de D. Jorge Ortega "Construir a casa sobre a rocha".

atual, se ambos foram sacramentalmente casados ou só um deles, se a relação inclui filhos ou não, a experiência de fé, a participação na vida de Igreja, etc.

2. Processo de acompanhamento e discernimento

O discernimento é a “arte” de ler os sinais da presença e da vontade de Deus. Na verdade, Deus fala-nos pelos acontecimentos da vida, pela sua palavra, pelos documentos da Igreja, pela oração pessoal, pelo diálogo e partilha das pessoas que fazem o percurso com o acompanhante e entre si.

Para a interpretação dos sinais de Deus, encontramos uma referência fundamental nas três virtudes teologais: fé, esperança e caridade. A decisão que me proponho tomar:

- aproxima-me verdadeiramente de Deus e da sua Palavra (fé)?;
- aproxima-me da vida com sentido, confiando em Deus que é fiel e não me abandona, que me chama a construir o seu Reino de amor, justiça e paz e a ir ao seu encontro na plenitude da vida eterna (esperança)?;
- aproxima-me dos irmãos, amando o próximo como a mim mesmo e libertando-me do meu egoísmo (caridade)?

Ou, pelo contrário, essa decisão fecha-me à presença de Deus, não me deixa ver além do aqui e agora e isola-me dos meus irmãos?

Como se disse, o discernimento espiritual é a “arte” de ir lendo estes sinais. Portanto, sublinha-se a exigência da liberdade interior para estar particularmente atento às inspirações do Espírito e não ser “enganado” pelos desejos ainda pouco livres ou pelos sentimentos mais superficiais que não venham do Espírito. Ao longo do percurso, à medida que se vai rezando e para o acompanhamento do orientador, interessa ir tomando nota destas inspirações espirituais que vão surgindo na oração e na reflexão.

3. Missão e perfil do acompanhante espiritual

É indispensável que todos os que, nesta situação, se dirigem à Igreja para pedir ajuda possam encontrar pessoas capazes de os acolher com compreensão e solidariedade e de lhes propor e os acompanhar num percurso de discernimento em ordem a uma maior integração. A Igreja confia aos que acolhem e acompanham estas situações de fragilidade a missão de manifestarem o rosto de caridade e misericórdia revelado por Jesus, o bom pastor e bom samaritano. Acompanhar não é julgar e decidir, mas escutar e ajudar a tomar consciência da situação deles diante de Deus (cf. AL 300). “O diálogo com o sacerdote, no foro interno, concorre para a formação de um juízo correto sobre aquilo que dificulta a possibilidade de uma participação mais plena na vida da Igreja e sobre os passos que a podem favorecer e fazer crescer. Uma vez que na própria lei não há gradualidade (cf. *Familiaris consortio*

34), este discernimento não poderá jamais prescindir das exigências evangélicas de verdade e caridade propostas pela Igreja” (AL 300).

Nesta linha, procure cada acompanhante acolher com compreensão e cordialidade, escutar atenta e solidariamente, olhar com apreço e simpatia, evitar juízos de valor e iluminar o caminho de cada um para Deus, em Quem podemos encontrar a verdadeira paz e liberdade.

No caminho de discernimento, o pastor deve acentuar o fundamental, o anúncio do amor e da ternura de Cristo (“*kerygma*”), que estimule ou renove o encontro pessoal com Jesus Cristo vivo (cf. AL 58) e não o aspeto jurídicista da lei.

À missão delicada do acompanhante pertence ajudar as pessoas a ver os passos graduais e possíveis a realizar para maior integração na vida e na comunidade cristãs. Há que ter em conta que cada pessoa, com a sua história, é diversa das outras.

Pode acontecer que um pastor acompanhante julgue não dispor das condições adequadas para esse ministério. Nesse caso, poderá recorrer ao Serviço de Apoio à Família, assegurado pelo Departamento de Pastoral Familiar da Diocese.

4. Etapas do processo de acompanhamento e discernimento

O processo de acompanhamento e discernimento desenvolve-se em cinco etapas, como se indica a seguir.

A metodologia poderá ser sempre a mesma em todas as etapas: primeiro, leitura e oração pessoal, tomando notas das “moções espirituais”; depois, partilha entre os dois elementos do casal sobre o que foi lido e rezado, tomando notas sobre essa conversa; finalmente, partilha desse processo com o acompanhante espiritual, a partir do vivido e das notas tomadas neste período de tempo, recebendo orientações para continuar o caminho.

4.1. Primeira etapa: a graça da liberdade interior

Numa primeira fase, é essencial colocar-se numa atitude de reta intenção, pedindo a Deus a graça da liberdade interior. Para ajudar a esse processo, o acompanhante espiritual pode propor alguns textos da Sagrada Escritura com pistas para a oração e a reflexão pessoal ou em casal.

Alguns textos da Escritura e tópicos de reflexão, a título de exemplo:

- Gn 22, 1-19 (Qual é o meu absoluto? Ofereço-o! – mesmo que seja o não poder comungar);
- 1 Cor 10, 23-33 (Tudo me é permitido, mas nem tudo me convém);
- Fil 3, 7-14 (Plano divino da salvação);
- Mt 6, 25-34 (Providência divina: confiança total de que a sua vontade será para meu bem);

- Mc 2, 23-28 (Jesus como modelo de liberdade interior, face ao primado do amor. O sábado foi feito para o homem e não o homem para o sábado);
- Lc 19, 1-10 (Como Zaqueu, de que tenho de me libertar para que, de facto, seja a vontade de Deus o centro da minha vida?).
- Na minha verdade, procuro compreender onde ponho os meus absolutos e onde tenho o meu coração? Pretendo “colocar os meus desejos acima do bem da Igreja” (AL 300), ou estou livre para aceitar a vontade de Deus, seja ela qual for?

Esta etapa deverá prolongar-se pelo tempo julgado necessário, com oração feita pessoalmente e partilhada em casal. Propõem-se encontros regulares com o pastor acompanhante, em que se partilhe a vivência espiritual deste período, sublinhando os aspetos mais relevantes, desde dificuldades, alegrias, medos, bloqueios, às diferenças relevantes que possam ter surgido na interpretação dos textos e na oração que cada um viveu. Ao orientador compete ouvir, “ler” a presença do Espírito de Deus e ir ajustando a situação à realidade, propondo novos passos.

Nesta etapa, no momento em que for possível, é recomendável fazer um retiro de fim de semana, com outras pessoas ou casais que estejam a percorrer o mesmo caminho.

4.2. Segunda etapa: fazer memória e exame de consciência do matrimónio sacramental

O objetivo é a reconciliação interior (e exterior, se possível) com tudo o que foi vivido, com todas as pessoas envolvidas e com situações porventura mal resolvidas. Para esta etapa, *propõe-se um exame de consciência mais concreto*, apresentado pelo Papa Francisco na Exortação Apostólica *Amoris Laetitia* e explicitado no n. 5 da nota pastoral.

Mesmo que se tenha tornado num “casamento irremediavelmente destruído” (*Familiaris Consortio* 84), há também que reconhecer, muito para além da culpa, que havia um sonho bonito no início, que acabou por não ser concretizado, mas que deu frutos positivos: filhos (se os há), momentos vividos, generosidade, bondade e alegria. E tomar consciência do que se aprendeu com essa relação.

Enquadrando este exame de consciência, podem sugerir-se alguns textos como possibilidade de oração para pedir a graça da abertura à misericórdia de Deus, de experimentar a necessidade dessa graça e misericórdia e de se sentir/saber livre e agradecido pelo privilégio do perdão.

Alguns textos da Escritura e tópicos de reflexão, a título de exemplo:

- Is 43, 1-7: A certeza de que Deus me ama e só quer o meu bem far-me-á abrir à sua misericórdia. Confiar plenamente no seu amor por mim/nós, de modo a não deixar nada por rezar, visitar ou reconciliar, porque Ele está connosco. Agradeço a sua misericórdia e peço-Lhe a graça de acolher o seu amor.
- Lc 10, 25-37: O bom samaritano é Jesus. É Ele que cura as minhas feridas. O azeite e o vinho simbolizam os sacramentos, a estalagem representa a Igreja... mais do que ser chamado a curar os outros, sou chamado a deixar que Jesus me cure a mim.

- Trazer à memória as vezes em que já senti a misericórdia de Deus na minha vida. Saborear e agradecer essas experiências.
- Pensar nas feridas que essa situação deixou. Ter a humildade de as mostrar ao Bom Samaritano, pois só Ele as pode curar. Com uma grande transparência e uma total confiança, entregar-me à misericórdia de Deus, deixando-me curar por Jesus, mesmo que arda. Acolher a misericórdia.

Uma reflexão sincera pode reforçar a confiança na misericórdia de Deus, que não é negada a ninguém. Trata-se de um itinerário de acompanhamento e discernimento que orienta estes fiéis na tomada de consciência da sua situação diante de Deus.

4.3. Terceira etapa: “avaliação” da relação atual

A “avaliação” espiritual procura perceber onde Deus Se revela e nos revela a sua vontade. Os instrumentos são os que foram já indicados (Palavra de Deus, os documentos da Igreja, a oração pessoal, a partilha entre o casal e com o orientador espiritual). O que se pretende “avaliar” é, essencialmente, a estabilidade do casal e da família, a educação dos filhos, a prática religiosa, a vida espiritual e a missão da família.

Nesta etapa do processo, propõe-se, na medida do possível, uma leitura guiada e acompanhada, com tempo e com calma, dos capítulos 4 e 5 (ou só de um deles) da *Amoris Laetitia*. Pode ser uma etapa mais alargada no tempo, para avaliar espiritualmente a qualidade da vida familiar. Procura-se, também, suscitar sentimentos de gratidão pelo modo como Deus, apesar de esta não ser a situação ideal (que seria o matrimónio sacramental), tem estado presente e tem acompanhado a vida familiar. Com a leitura dos referidos capítulos da Exortação Apostólica do Papa Francisco e com a oração feita a partir dessa leitura, visa-se, ainda, ir percebendo onde se pode crescer mais como família e na relação com Deus. Como todas as famílias, também esta terá necessidade de reconciliações, de pedir perdão e de perdoar. Este pode ser um tempo de fazer propósitos para o futuro e de se questionar como pode inserir-se mais na vida da Igreja.

4.4. Quarta etapa: A tomada de decisão segundo a vontade de Deus

Percorridas as três primeiras etapas, recolhidos todos os dados, tendo tomado maior consciência da presença de Deus e digerido espiritualmente, como indivíduos, como casal e como Igreja, as várias fases de vida e os vários “movimentos interiores”, chega a fase de tomada de decisão. Aqui, de novo, não é demais insistir na necessidade de liberdade interior. Não se trata de fazer a minha vontade, mas a vontade de Deus.

Sempre feitos em oração, os passos desta etapa poderão ser:

- reler as notas tiradas ao longo deste tempo e resumir o processo, anotando e sublinhando o mais relevante e significativo;
- tomar consciência das alegrias, tristezas e desânimos que foram vividas ou recordadas;
- rezar Lc 12, 33-34 (Onde está o meu tesouro?);

- rezar Mt 19, 1-9 e Mt 12, 1-8 (O que sinto quando rezo estes textos?);
- agora sim, perguntar-me e perguntar a Deus qual deve ser o meu lugar na Igreja e na minha comunidade cristã: em que serviços, movimentos, ministérios... me sinto chamado a participar? O que sinto, honesta e livremente, ser a vontade de Deus para mim?

A questão do acesso aos sacramentos

No que diz respeito ao acesso aos sacramentos, propõem-se os dois passos seguintes:

1. Fazer um exercício de conclusão do discernimento, como se segue: durante uma semana, rezar e viver como se a decisão fosse não aceder aos sacramentos, tomar consciência do que se vai sentindo, dos sentimentos espirituais, do que há de paz ou inquietação; na semana seguinte, fazer o oposto... rezar e viver como se a decisão fosse aceder aos sacramentos, tomando nota dos movimentos espirituais sentidos. Assim, vai-se percebendo por onde Deus chama, o que dá mais paz, o que aproxima mais d'Ele, da vida cristã e dos outros.
2. Para confirmar, através de um processo racional e a partir de tudo o que se leu, rezou, partilhou e ouviu, faça-se uma lista, em duas colunas, de 'prós' e 'contras' de aceder aos sacramentos. Noutro tempo, faça-se o mesmo processo com a possibilidade de não aceder aos sacramentos. Depois de "selecionados" os 'prós' e os 'contras' de uma e de outra possibilidades, ver o que se revela mais evidente. Como afirmado no início, pode ser: 1) aceder aos sacramentos; 2) não aceder aos sacramentos; 3) para já não, há passos ainda a dar na nossa vida e o discernimento deve continuar.

Findas estas quatro etapas, com honestidade diante de Deus, com toda a liberdade e com base no que viveu em todo o processo, a pessoa ou o casal toma a decisão que lhe parecer mais conforme à vontade de Deus.

4.5. Confirmação da decisão tomada

O processo de discernimento termina com a confirmação da decisão. Deve começar por um tempo forte de oração (propõe-se um retiro), diante do Senhor ressuscitado, deixando-se tocar pela sua presença, oferecendo-Lhe a decisão prestes a tomar e pedindo-Lhe que a confirme. Tendo o processo sido bem percorrido, se o Senhor não mostrar sinais contrários à decisão tomada, então, com liberdade e reta intenção, assumi-la.

Por fim, com o orientador espiritual, redige-se o testemunho do percurso e da decisão, para ficar como registo para a pessoa ou o casal e para ser dado a conhecer ao bispo diocesano e ao pároco, no caso de não ter sido este a fazer o acompanhamento.